



Para Maluf (entre Luiz Carlos Santos e Gilberto Miranda), trata-se de um fato consumado, que começará a passar pela discussão de um cronograma: "Vamos criar um bloco informal imediatamente e convidar também o PTB e o PL"

Bancada do PPB resiste a fusão com PFL

Maluf e ACM tentam acordo para ano 2000, mas pepebistas temem ficar diminuídos

DOCA DE OLIVEIRA

BRASÍLIA - A criação de um bloco político unindo as bancadas do PPB e do PFL no Congresso vai esbarrar na resistência da bancada do PPB. Ontem, enquanto o presidente nacional do partido, Paulo Maluf, discutia as bases do eventual acordo – que poderá resultar em uma superbancada de 160 parlamenta-

res apenas na Câmara – com o presidente do Congresso, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), seus correligionários davam sinais de rebeldia. Para esses políticos, tal discussão só deve ser feita após o início da próxima legislatura, e uma associação entre as duas legendas não traria nenhuma vantagem ao PPB, que poderia ficar “diminuído” diante da estrutura e da filosofia do PFL.

Maluf, porém, tratou a formação do bloco como um fato consumado. Após almoçar com ACM, o governador derrotado ao governo paulista anunciou o acordo e o cronograma que poderá resultar na fu-

são dos dois partidos após o ano 2000. “A conversa foi muito boa”, disse. “Vamos criar um bloco informal já, que poderá tornar-se formal em 99.” Maluf informou ainda que também serão convidados a aderir ao bloco o PTB e o PL. A união do PPB com o PFL fica para mais tarde. “Fundir os dois partidos antes do ano 2000 seria difícil por causa das eleições municipais”, declarou Maluf.

Na quarta-feira, ele vai reunir a executiva do partido em Brasília e conversar com os governadores eleitos – senador Esperidião Amim, em Santa Catarina e Neudo Campos, em Roraima – para

“ouvir as bases”. Já no Congresso, Maluf disse que o bloco com o PFL só será formalizado se for do interesse da maioria do seu partido. Antes mesmo da reunião formal, os políticos pepebistas indicaram que essa discussão não se encerra neste ano. “Não é hora de discutir bloco”, afirmou, taxativo, o ex-ministro Francisco Dornelles (RJ), um dos cardeais do partido. “É preciso esperar a próxima legislatura e resolver a fase aguda da crise.” Amim (SC) diminuiu o caráter das conversas entre Maluf e ACM. “Até agora, é tudo muito impulsivo e especulativo; ainda não existe uma articulação.”